



CROSSDRESSING, DEVIR DE UM DESVIO

Juliana Sayumi Kobayashi¹

Resumo: O crossdresser é uma categoria considerada desviante, a margem e ilegítima, pois realizam modificações na aparência física, que não condizem com seu sexo biológico. O indivíduo que realiza o crossdressing tem para si um modelo de comportamento referente ao gênero ao qual se monta, considerando atributos, objetos, desejos, maneiras de se portar, de ser e estar, que compõem esse outro sexo, sendo desejável a proximidade com esse modelo. Esta é uma prática que desvia-se do padrão de matriz heterossexual estabelecido em nossa sociedade ocidental no qual gênero, sexo, desejo e práticas sociais são coerentes. Esse trabalho visa estudar o fenômeno crossdresser que se opõe as categorias dominantes, ao possibilitar novas formas de se instituir o comportamento, o corpo e a identidade confrontando assim a ordem estabelecida, oposição essa que pode ser entendida como um trânsito entre as categorias de gênero, um devir, e portanto, uma categoria inclassificável.

Palavras-chave: crossdresser, padrão, desviante, corpo, devir.

Os estudos de gênero surgem por influências de questionamentos sobre a sexualidade e das lutas libertárias. No ocidente, na década de sessenta, temos um período marcado por indagações referentes a sexualidade. A comercialização da pílula anticoncepcional levanta questões acerca da virgindade, do casamento, do sexo como fonte de prazer e não apenas de reprodução, todos esses apontamentos abrem portas para discursos que buscam transformações nos costumes e nas instituições. Concomitantemente a essas discussões, entre o final da década de cinquenta a década de oitenta, surgem as lutas libertárias como a Revolução Cubana, o movimento hippie, as manifestações contra a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, as revoltas estudantis de maio em Paris, a luta contra a ditadura militar no Brasil entre outras (GROSSI, 1998, p.1-2). Entre os inúmeros movimentos que surgem nessa época tem destaque o movimento gay e o movimento feminista, já que a questão de gênero ingressa no mundo acadêmico a partir dos anos de 1970 devido ao destaque e surgimento desses movimentos, em especial o feminista, trazendo discussões acerca do feminino para esse espaço

¹ Mestranda do Curso de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, e-mail: kobayashi.js@gmail.com

(HEILBORN, 2004, p.19). O ingresso dessa temática no mundo acadêmico ocorre pelo fato da universidade ser um ambiente de produção de conhecimentos amplamente influenciado pelas lutas sociais e pela participação de estudantes feministas que nesse ambiente buscam respostas para os questionamentos levantados por esses movimentos (GROSSI, 1998,p.2).

Entretanto, devido as influência do movimento feminista, os estudos voltados para as questões de gênero têm um enfoque na problemática da situação feminina e não questionam inicialmente o que caracterizava a mulher. Nesse período as mulheres estão definidas por sua unidade biológica, pela morfologia do sexo feminino, portanto, na organização das lutas feministas excluía-se os homens por acreditar nessa definição de ser mulher e acreditar que eles apenas as subjugaria novamente (GROSSI, 1998, p.3-4). Posteriormente, os estudos de gênero passaram a problematizar está determinação biológica e surgem discussões que demonstram a necessidade de se fazer à distinção entre gênero e sexo.

Sexo refere-se ao biológico, ao orgânico, ao genético, ao fisiológico, as diferenças anatômicas existentes entre fêmeas e machos. Gênero é constituído por dois termos: homem e mulher (FLAX, 1991, p.236), sendo que em alguns estudos faz-se ainda a distinção de uma terceira categoria denominada neutra ou sem sexo (SCOTT, 1990, p.72), aqueles que refutam essa terceira divisão o fazem por considerar a estrutura de identidades de gênero uma estrutura binária. Gênero não é equivalente as diferenças anatômicas (FLAX, 1991, p.239) este refere-se a

(...) dimensão dos atributos culturais alocados a cada um dos sexos em contraste com a dimensão anatomofisiológica dos seres humanos. (...) O conceito privilegia a dimensão de escolha cultural, pretendendo descartar alusões a um atavismo biológico para explicar as feições que o feminino e o masculino assumem em múltiplas culturas. (HEILBORN, 2004, p.19).

O gênero abrange, além do enfoque cultural, os aspectos históricos, psicológicos e sociais do ser feminino e do ser masculino. Este é um termo complexo que articula três pontos: a atribuições de gêneros, o papel de gênero e a identidade de gênero (BERNARDES, 1993, p.50). Desde recém nascidos há referências ao sujeito como homem ou mulher de acordo com o sexo biológico, essas referências são inevitáveis já que nenhum indivíduo existe fora de relações sociais, todos já nascem inseridos nelas, esse apontamento é denominado uma atribuição de gênero (GROSSI, 1998, p.5). O papel de gênero representa as expectativas referentes ao comportamento das pessoas de acordo com seu sexo biológico (BERNARDES, 1993, p.50), refere-se as representações

que são relacionadas ao papel de fêmea ou macho em uma determinada cultura (GROSSI, 1998, p.6). Já a identidade de gênero é a percepção na íntegra que um indivíduo possui do seu gênero (BULLOUGH, 1993, p.312) percepção essa vinculada às noções e práticas do que é feminino e do que é masculino que variam de uma cultura para outra e até mesmo no interior da mesma cultura (VENCATO, 2008, p.6-7).

Em nossa cultura ocidental as práticas reguladoras buscam construir identidades coerentes entre sexo biológico, gênero, práticas sexuais e desejo, estruturas essas denominadas gêneros inteligíveis (BUTLER, 2003, p.38). Portanto temos como estrutura fixa uma matriz heterossexual, considerada legítima, que tem como padrão de normalidade esse sistema binário hegemônico e tudo o que desvia dela é considerado ilegítimo (ÁRAN, 2006, p.58). Os desviantes não podem existir, são consideradas falhas, irreconhecíveis, uma impossibilidade, um erro no desenvolvimento (BUTLER, 2003, p.39). Os indivíduos que não se ajustam aos padrões delimitados de macho e fêmea impostos por sua cultura acabam sendo visto como infratores das normas da sociedade em que vivem. Esses atos padrões impostos pelas autoridades são as mais facilmente absorvidas (MAUSS, 1974, p.230) já que as normas que delimitam como deve ser o comportamento social estão baseadas inicialmente em sentimentos de vergonha e de repugnância com relação a uma terceira pessoa, devido ao julgamento que o desviante da conduta pode sofrer (ELIAS, 1994, p.140). Com o passar do tempo tais atos considerados impróprios passam a ser condenados não pelo que podem causar a outras pessoas, mas pelo ato em si, portanto o ato passa a ser julgado, considerado impróprio e reprimido esteja esse ocorrendo em espaço público, interagindo com outras pessoas ou ocorrendo de maneira individual (ELIAS, 1994, p.153). Entretanto, atualmente sabemos que se o comportamento desses indivíduos que não condizem com os padrões delimitados de sua sociedade, não é por uma atitude intencional, unicamente de transgressão. Para referir-se a esses sujeitos é utilizado por alguns autores o termo cross-gendered (BULLOUGH, 1993, p.313).

Entre as variedades de grupos existentes dentro dos cross-gendered estudaremos nesse artigo os transgêneros², mais especificamente os crossdressers. Entendo aqui o cross-gendered como uma categoria ampla para referir-se ao não encaixe na matriz binária feminino e masculino, o transgênero como uma categoria específica referente ao travestir-se e o crossdresser pertencente a essa categoria com características únicas que o diferenciam dos demais segmentos dentro do transgênero. Os crossdressers passaram

² Termo adaptado do inglês transgender.

por diferentes significados e construções conforme o período de tempo e a cultura na qual estão inseridos (BULLOUGH, 1993, p.viii) nesse trabalho serão abordados a construção e a significação do crossdresser diante da cultura ocidental. De maneira simples o crossdressing refere-se aos indivíduos que não se adéquam ao modelo bipolar efetivo de sexos da sociedade ocidental (BULLOUGH, 1993, p.3) que se produzem com elementos tidos como do sexo oposto ao seu sexo biológico sendo muitas vezes utilizado o termo vestir-se ou montar-se para se referir a esse processo de produção, de travestir-se (VENCATO, 2008, p.1-2).

Foucault (1988, p.37) afirma que foram desenvolvidos discursos de controle com os quais a sexualidade foi devidamente controlada e assim estabeleceram-se padrões de comportamento da infância a velhice. A modelagem do comportamento desde a infância ocorre para que haja desde cedo um controle rigoroso deste buscando evitar desvios nos padrões que dão a sociedade o seu caráter (ELIAS, 1994, p.145), mas caso esse desvio ocorra, foram desenvolvidas maneiras de controle e tratamentos para essas perversões. Essas sexualidades consideradas ilegítimas tiveram espaço apenas em lugares de tolerância, como prostíbulos, os manicômios, etc. A transferência dessas pessoas de um espaço em comum para um espaço fragmentado acaba tendo consequências devastadoras já que acaba enfraquecendo os sentidos e tornando o corpo ainda mais passivo (SENNET,1997, p.17) obrigando as pessoas que realizam práticas incoerentes com a norma estabelecida a se esconder e limitar esses atos para evitar o isolamento social. O crossdresser por muito tempo foi considerado uma doença mental, uma patologia vista como um “transtorno de identidade” devido a incoerência existente entre o sexo e gênero do sujeito (ARÁN, 2006, p.50). Até os dias atuais é comumente analisado sobre a ótica médica, da psiquiatria e da psicanálise, na qual os comportamentos sexuais dos crossdresser são visto como desvios de comportamentos sendo possível através de tratamentos alcançarem uma “cura” para esta doença (BULLOUGH, 1993, pg vii).

Crossdressing apesar de ser um termo simples, abarca um fenômeno complexo que pode se dividir em diferentes grupos. O crossdressing poder ser um simples ato de vestir-se com um ou dois itens que representam a vestimenta do sexo oposto ao seu sexo biológico, um desejo ocasional de vestir-se, entre outros (BULLOUGH, 1993, p.vii). Dentro desses grupos há variações no grau de publicização – podendo a prática se tornar algo público, de conhecimento de amigos, familiares ou ser uma prática isolada, mantida em segredo – quanto no grau de mudanças e intervenções corporais. De

qualquer forma, essas categorias não são fixas podendo também ocorrer trânsito entre os praticantes desses diversos grupos de forma que tais práticas sejam “acionadas de modos variados em momentos e contextos diversos” sendo assim essas categorias são consideradas dinâmicas e fluídas (VENCATO, 2009, p.75).

Essas práticas possibilitam um campo amplo de possibilidades referente ao estudo de gênero, mas especificamente dentro do campo da identidade de gênero. Faz-se aqui uma ressalva quanto às práticas sexuais, este é apenas um componente que constrói a identidade de gênero, mas não é o único elemento, por isso Grossi (1998, p.12) acredita ser necessário fazer a separação entre identidade de gênero e a sexualidade. O eixo da sexualidade refere-se a questão de desejos, afetos e práticas sexuais. O crossdressing está presente na sociedade ocidental há vários anos, sendo retratada inicialmente no teatro, literatura e freqüentes em determinados momentos da vida social, como carnaval, etc., mas nem sempre ele esteve vinculado a questões de orientação sexual. A partir do século dezoito este passa a ser visto como um sinal de homossexualidade (BULLOUGH, 1993, p.x), desde então o ato de travestir-se passou a ter ligação. Sendo que comumente, a identidade auto-atribuída entre esses praticantes está no campo da heterossexualidade. Entretanto, essa ligação do crossdresser com a homossexualidade acaba limitando o primeiro a esse contexto em específico quando há uma gama de elementos e acontecimentos importantes que acabam sendo ignorados ou restritos pela temática da homossexualidade (VENCATO, 2008, p.3-4).

O indivíduo que realiza o crossdressing tem para si um modelo de comportamento referente ao gênero ao qual se monta, considerando atributos, objetos, desejos, maneiras de se portar, de ser e estar, que compõem esse outro sexo sendo desejável a proximidade com esse modelo. Portanto, para algumas pessoas basta apenas a mudança de vestuário, enquanto para outras faz-se necessário intervenções no corpo de forma mais efetiva, partindo para o uso de recursos de produção estética (VENCATO, 2009, p.165). O que se almeja é uma aproximação do gênero ao qual se montam, mas sem o exagero evidente e intencional que há, por exemplo, nas montagens das drag queens, do excesso de teatralidade, etc. (VENCATO, 2009, p.174). São por meio dessas mudanças de roupas e acessórios, da modelagem do corpo que as identidades então interpretadas caracterizam-se como transgressões das então delimitadas concepções sobre o que é ser homem e o que é ser mulher (NEPOMUCENO, 2009, p.119). Essas transformações no corpo, tantas as mais superficiais quanto as mais incisivas, demonstram que esse é um lugar de gênero, esse

controle, comportamento e estilização que estabelecem o gênero e a relação de gênero e toda essa construção do corpo constitui a performance de gênero (SOUZA, 2006, p.177). A performance de gênero pode então ser entendida como

(...) atributos e comportamentos convencionalmente associados à “masculinidade” ou “feminilidade” podem ser seletivamente afirmados para marcar um indivíduo tanto como “macho” quanto como “fêmea”, enquanto as fronteiras entre ambos são constantemente renegociadas e redesenhadas em cada encontro (SOUZA, 2006, p.191-192).

Esse vestir-se é como uma segunda pele, essa pele é constituída por esses variados artifícios de montagem destes corpos, que é entendida como um devir de identidades que se exteriorizam nessa segunda pele desconstruindo e construindo sentidos acerca dos corpos entendidos como masculinos e femininos (NEPOMUCENO, 2009, p.118). Segundo Hegel (apud NICOLAU, 2011, p.62) o devir é uma espécie de transitar onde não ocorre um repouso entre uma das partes nas quais se caminha, sendo que o próprio transitar tornar aquilo que se tem como “terceiro”, este representa efetuando-se entre as partes. Segundo essa definição o crossdresser pode ser visto como um devir na medida em que a pessoa que realiza o ato de montar-se possui um conhecimento sobre o masculino e o feminino, mas este não é um e não é outro. O crossdressing simboliza um ponto no qual as fronteiras dos gêneros existentes, masculino e feminino, se cruzam (BULLOUGH, 1993, p.viii).

Está claro que a nossa civilização ocidental não tem respeito diante da diversidade de corpos existentes, da liberdade e variedade em que esses corpos podem se apresentar (SENNET, 1997, p.15). Como nosso corpo é um símbolo de nossa vida social, sendo através dele que primeiro nos apresentamos ao mundo, podemos afirmar que nossa existência é antes de qualquer coisa corporal (MAUSS, 1974, p.211), por isso ao nos depararmos com o crossdresser há um estranhamento, já que este é alguém que gera uma mudança tão grande no corpo e nossa primeira impressão fica marcada por um corpo diferente do que estamos habituados, de alguém que foge aos padrões de normalidade estabelecidos. Essa imagem de corpo ideal, de corpo condizente entre gênero e sexo, acaba gerando uma repressão tanto por parte dos membros da sociedade quanto do próprio indivíduo sobre si mesmo, gerando também uma comodidade diante dos padrões devido ao reforço e repetição do mesmo. Como nossa sociedade é marcada pelo culto do corpo, corpo este que está inserido dentro de um determinado padrão, acaba ocorrendo a negação e repulsa àqueles corpos que não se adéquam ao modelo (SENNET, 1997, p.22).

O crossdresser faz parte da categoria transgêneros, esse último refere-se ao agrupamento de diversos travestismos, como as drag queens, os transexuais, transformistas, entre outros. Muitos confundem essas categorias pela quantidade de traços em comum que possuem, entretanto há diferenças importantes que as separam que são esquecidas pelas cargas negativas que são impostas a elas como categorias marginais (VENCATO, 2003, p.190-191). Apesar de todas serem categorias desviantes, de representarem uma ruptura na matriz de gênero binária heterossexual existente na nossa sociedade ocidental, estas demais não se caracterizam como devir justamente pelos pequenos detalhes que os diferenciam da prática do crossdressing. Este é entendido como um devir diante das pontuações realizadas por Deleuze, no qual o devir não seria uma decorrência da história, mas sim algo que cause uma ruptura nessa seqüência e que não poderia ocorrer inserido nesta. O papel da história seria unicamente indicar as condições das quais é preciso desviar-se para devir (DELEUZE, 1992, p.211). O devir não representa uma imitação, adequação a um modelo, uma cópia ou uma caricatura, mas sim a criação desse terceiro, de algo totalmente distinto das partes já existentes. O devir está sempre localizado entre, ou no meio. Não há um modelo específico ao qual se almeja chegar, por isso o devir permite a criação de novas possibilidades, novas alternativas, modelos imprevistos (DELEUZE, 1998, p.13).

Em nossa sociedade temos um sistema formado por um conjunto de relações ordenadas e a subversão dessa ordem se dá por qualquer coisa que não está em seu lugar, portando dentro do sistema habitual de classificação, o que é rejeitado é visto como uma categoria residual (DOUGLAS, 1996, p.30-31). Buscando evitar a formação desse grupo residual ocorre a modelagem, que busca criar um modelo de comportamento conforme aquele socialmente desejável, fazendo com que os indivíduos assimilem os atos e vejam estes como uma questão de autocontrole e que seja do seu interesse seguir os padrões para assegurar sua saúde ou interação (ELIAS, 1994, p.153). Como os crossdresser são uma categoria que transita entre ambos os gêneros gerando algo novo, intermediário e inclassificável acaba ocorrendo um medo referente a estes, já que eles não se encaixam em nenhuma categoria, acabam gerando uma instabilidade, medos sociais (DOUGLAS, 1966, p.6).

O inclassificável é aquilo que não tem lugar e que não pode ser incluído caso contrário não será possível manter a ordem em questão (DOUGLAS, 1966, p.33). Entretanto, o que esses novos grupos geram é justamente uma oposição as categorias dominantes, que acabam possibilitando novas formas de se instituir o comportamento, o

corpo e a identidade (VANCE, 1995, p.16) confrontando a ordem estabelecida. O crossdresser transita em seu cotidiano entre as convenções criadas sobre masculino e feminino pelas quais realiza o ato de montar-se. Há uma separação evidente entre as duas partes, a vida montada e a vida desmontada, sendo que na maioria dos casos há uma completa separação entre as duas vidas, são consideradas personas diferentes, de modo que, em determinados casos, pessoas que realizam essa prática referem-se ao seu eu montado na terceira pessoa, como alguém completamente distinto a ele.

Apesar de haver a observação e admiração quanto ao sexo no qual se almeja vestir, não há nos crossdresser o desejo de se transformar em uma geneticamente, de modo completo, obter o corpo do sexo oposto. Quando há o desejo de vivenciar, de se transformar e modificar completamente seu corpo para se adequar aos aspectos físicos que caracterizam o outro sexo, não refere-se a prática do crossdressing, mas sim da transexualidade. É importante compreender que existe uma noção de transitoriedade fortemente delimitada no crossdressing, mesmo aqueles que praticam determinadas modificações corporais mais visíveis que outros, como a ingestão de hormônios temem as conseqüências na hora da desmontagem, já que muitos desejam manter essa prática em segredo, que possuam relações heterossexuais ou relacionamentos estáveis com alguém do sexo oposto que não tem conhecimento dessa prática. (VENCATO, 2009, p.167-173). Eles não desejam ser alguém do sexo oposto, mas estar como esse alguém por alguns momentos, e nesse “estar” não é nem um nem outro, mas sim um terceiro, originados de um devir.

Considerações Finais

Os estudos sobre gêneros se mostraram muito importantes para a compreensão que um indivíduo tem de seu próprio gênero, caracterizado para além de seu sexo biológico, sendo este uma soma de muitos fatores: ambiente histórico, social, cultural, de associações, de construções, de expectativas de comportamento – papéis de gênero, de identidade de gênero, como a pessoa entendem as construções de feminino e masculino no ambiente em que vivem e como assimilam esses conhecimentos para a construção de sua própria identidade. Entretanto, na nossa cultura ocidental estabeleceu-se uma matriz de normalidade entendida através do comportamento heterossexual e da existência da continuidade entre sexo, desejo, gênero e práticas sexuais.

Aqueles indivíduos que desviam dessa matriz binária são vistos como inadequados, fora dos padrões, a margem, que não deveriam existir. O crossdresser é uma desses desvios, que foge ao modelo padrão de comportamento, que é visto por muitos até hoje como uma patologia, uma doença mental para o qual existe tratamento e assim uma cura. É uma prática tida como irregular, que não é visto com bons olhos na cultura ocidental. Entretanto aquele que desvia não o faz puramente pelo intuito de ser desviante, por vontade de causar um quebra no modelo padrão, se faz pela não adequação nas caixas existentes de masculino e feminino e pela necessidade de um espaço diferenciado que atenda as suas necessidades de expressar seu gênero.

Crossdressing pode ser entendido como a prática de se modificar a imagem de seu corpo para se assemelhar ao sexo oposto ao seu sexo anatômico, é uma descontinuidade entre a percepção do sexo biológico e do gênero do sujeito, voltados a questões de realizações e gratificações no campo do desejo. O crossdresser propõe um corpo socialmente ilegítimo diante dos padrões normativos de gênero. Existem diversas categorias de modos de comportamentos, assim como níveis de intervenção no corpo, mas todos estes tem como característica essa montagem e também o ato de se desmontar, de ser algo novo, uma construção nova já que não almeja se tornar o outro sexo, não há o desejo de ter o corpo anatômico, mas também não se comporta de acordo com os papéis de gênero esperado de seu sexo biológico; possui a característica de transitar entre essas construções que o indivíduo tem de masculino e feminino.

Esse transitar pode ser caracterizado como um devir, um não ser masculino e não ser feminino, que assinala uma ruptura na história criando algo novo, até então nunca existente. É a criação de um terceiro que surge nesse caminhar, que não almeja se tornar nada já que não é um nem outro daqueles entre os quais transita. Aquele que realiza o crossdressing transita entre o sexo oposto ao seu no ato de montar-se e entre o seu sexo no ato desmontar-se, criando algo novo que é o crossdresser, que está no meio, entre o feminino e o masculino, que possui características de mais de um gênero sexual.

As demais categorias de transgêneros não podem ser consideradas um devir por pequenas particularidades de cada um. Um exemplo para melhor entendimento é o transexualismo, o transexual é alguém que se sente inadequado com seu corpo, com as particularidades de seu sexo biológico e almeja alcançar um corpo do sexo oposto ao seu, ele busca um desejo de adequação a esse gênero. Este então não se caracteriza como um devir na medida em que não cria algo novo, mas busca copiar, se adaptar, se

adequar ao gênero em questão. Portanto, as características únicas que compõem o crossdresser possibilitaram caracterizá-lo como um evento de ruptura e devir.

Referências Bibliográficas:

ARÁN, M. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero**. Agora. Rio de Janeiro, v. IX, jan/jun 2006, p.49-63

BERNARDES, N. M. G. **Autonomia/Submissão do sujeito e identidade de gênero**. Cad. Pesq., São Paulo, n.85, p.43-53, maio 1993.

BULLOUGH, V. L.; BULLOUGH, B. **Cross dressing, sex and gender**. Publicado por University of Pennsylvania Press: Philadelphia, Pennsylvania, 1993.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994. 2v.

FLAX, J. **Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista**. In: HOLLANDA, H. (org.) Pós-Modernismo e Política. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, pg.217-250.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GROSSI, M. **Identidade de gênero e sexualidade**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1998.

HALL, E. **La dimensión oculta**. Siglo Veintiuno Editora, 2003.

HEILBORN, M. L. (org.) **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MAUSS, M. **As técnicas do corpo, Sociologia e Antropologia**. São Paulo: 1974.

NEPOMECEÑO, M. A. **A moda inscrita no corpo: estética camp e identidades queers.** Revista do UNIPÊ. Ano XIII, nº 2, 2009, p.116-122.

NICOLAU, M. F. A. **Sobre o começo triádico da lógica hegeliana: o ser, o nada, o devir.** Contradictio, v.3, n.1, 2011.

SENNET, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, v.15, n.2, jul./dez. 1990.

SOUZA, E. R. **Marcadores sociais da diferença e da infância: relações do poder no contexto escolar.** Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.169-199.

VANCE, C. S. **A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico.** In: PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva. Vol. 5, número 1, 1995.

VENCATO, A. P. **Confusões e estereótipo: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros.** Cad. AEL, v.10, n.18/19, 2003.

VENCATO, A. P. **“Existimos pelo prazer de ser mulher”:** uma análise do **Brazilian Crossdresser Club.** Rio de Janeiro, 2009. Tese (doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009

VENCATO, A. P. **O que faz uma mulher, mulher?: sexualidade, classe e geração e a produção do corpo e do gênero em homens que praticam crossdressing.** “Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder” no “Simpósio Temático 18: Interseccionalidades e produção de diferenças e desigualdades”, realizado entre os dias 25 e 28 de agosto de 2008, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.